

José Antonio Sabio Pinilla
(Universidad de Granada)

PARA UM VOCABULÁRIO DE HISPANISMOS EM PORTUGUÊS

A importância do empréstimo lexical externo na língua portuguesa é fundamental. Ao lado das palavras vernáculas convivem outras muitas procedentes de outras línguas que foram introduzidas em português para tentar preencher um vazio no seu vocabulário, vazio geralmente relacionado com uma nova técnica ou com um conceito desconhecido entre os seus falantes. Originariamente o empréstimo externo é um estrangeirismo, uma palavra tomada de outra língua mas adaptada ao sistema da língua receptora. O «empréstimo naturalizado» é uma assimilação fónica e morfológica que conserva no essencial o significante da língua de origem. Distingue-se do calco porque este é uma construção imitativa que reproduz o significado da palavra ou expressão estrangeira com significantes da língua receptora. O empréstimo, naturalizado ou não, insere-se num movimento de convergência formal das grandes línguas de cultura; o calco, porém, procura manter a separação, a autonomia das línguas. Pela sua vez, o estrangeirismo, entendido como «barbarismo», isto é, aquela palavra cujo emprego numa língua constitui uma barbaridade por imprópria, inadaptada e desnecessária, costuma ser registado em

dicionários de carácter normativo e purista¹ ou em dicionários específicos² a fim de evitarmos o seu emprego. Neste trabalho documental que aqui apresentamos em projecto interessar-nos-ão os *hispanismos latu senso* compilados nos dicionários etimológicos e gerais portugueses.

Uma das línguas que tem contribuído ao alargamento do léxico português é a espanhola, língua românica com a qual manteve um intercâmbio familiar ao longo dos séculos como resultado de um estreito contacto geográfico, histórico e cultural. Sem existirem trabalhos de conjunto, salientou-se este contributo desde a Idade Média até à Idade Moderna³, sobretudo durante os séculos XVI e XVII e na época romântica⁴. Antenor Nascentes, no seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*⁵, notou mesmo a existência de 400 vocábulos procedentes do espanhol, cifra também apontada por Peixoto da Fonseca⁶. No entanto, ainda não foi elaborado um trabalho monográfico como acontece no caso dos *Iusismos*, estudados por Gregorio Salvador⁷, nem sequer um repertório como

¹ Rodrigo de Sá NOGUEIRA, *Dicionário de erros e problemas de linguagem*. Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1989 (3ª ed.).

² Cândido de FIGUEIREDO, *Estrangeirismos*. 2 vols. Lisboa, 1938 ou Francisco Alves da COSTA, *Dicionário de Estrangeirismos*. Editorial Domingos Barreira, Porto, 1990.

³ Pilar VAZQUEZ CUESTA e Mª Albertina Mendes da LUZ, *Gramática Portuguesa*. Gredos, Madrid, 1971 (3ª edição aumentada e corrigida), vol. I, p. 292.

⁴ Francisco da Silveira BUENO, *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1958 (2ª ed. revista), pp. 264, 269 e 283.

⁵ Tomo I, 1955, p. XXIII.

⁶ Fernando V. Peixoto da FONSECA, *O Português entre as Línguas do Mundo*. Livraria Almedina, Coimbra, 1985, p. 200.

⁷ Gregorio SALVADOR, «Lusismos», in *Enciclopedia Lingüística Hispánica*. Dirigida por M. Alvar, A. Badía, R. de Balbín, L. F. Lindley Cintra. Madrid, tomo II, 1967, pp. 239-261.

aquele que ofereceu Sá Nogueira na obra *Crítica Etimológica*⁸. O número de *lusismos* oscila em espanhol entre os 118, que aparecem no índice do DCELC de Corominas, e os 168 recolhidos por Sá Nogueira, embora seja fácil adivinhar um número maior como se deduz de um simples exame do índice do DCECH⁹. Seja o que for, tanto para os *lusismos* como para os *hispanismos*, existe uma dificuldade acrescida -que não achamos nos empréstimos de outras línguas- produto da semelhança e proximidade entre o português e o espanhol.

Este facto encorajou-nos a recolher em separado os *hispanismos* espalhados pelos dicionários etimológicos e gerais portugueses a fim de avaliarmos a sua importância e analisarmos os domínios em que se enquadram.

Os dicionários e obras lexicográficas têm uma nomenclatura que não é uniforme nem unívoca. Por isso é preciso caracterizar o tipo de obra lexicográfica que pretendemos elaborar, descrevendo os traços definidores e os critérios seguidos.

Definimos o termo **hispanismo** como aquela palavra do espanhol insular, peninsular e americano admitida em português, ou aquela outra que procedente de outra língua entrou em português através do espanhol. É uma definição ampla que pretende dar conta do

⁸ Vol. I, Lisboa, 1949. Publicado antes no *BdF*, tomo VIII, 1945, pp. 1-56 e 185-364; uma continuação em *BdF*, tomo IX, 1948, pp. 197-228 e 321-339.

⁹ Uma rápida consulta ao índice do *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico* de Corominas e Pascual, Gredos, Madrid, 1991, tomo VI (Y-Z Indices), pp. 149-1047, é suficiente para constatar este facto. Já Gregorio Salvador indicara a propósito do índice do *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana* (DCELC 1955-1957), que foram omitidos bastantes *lusismos*; sobre o número de *lusismos* oferecidos por Sá Nogueira, notou que sobejavam muitos dos registados, cf. Gregorio SALVADOR, op. cit., p. 240.

maior número de vocábulos pertencentes ao espanhol, ou que por intermédio do espanhol entraram em português, com uma finalidade prática (ensino da língua e tradução) e nocional (análise dos campos semânticos relacionados com as palavras adoptadas). A partir desta definição é possível afirmar que o número de *hispanismos* em português (europeu e americano) anda por volta do milhar. Neste sentido é importante destacar que da mesma maneira que o espanhol agiu muitas vezes de segundo intermediário entre o português e outras línguas europeias¹⁰, ele foi, inversamente, o intermediário entre outras línguas europeias e o português. É este o caso também de muitos americanismos procedentes de línguas indígenas. De facto, o carácter tardio que oferece a colonização do Brasil em relação à dos países da América espanhola, fez que o português europeu adoptasse em muitas ocasiões, para denominar as particularidades da flora e fauna do Novo Mundo, os mesmos vocábulos quichuas, nahuatlacas, caribes e arahucas que penetraram através do espanhol nas outras línguas de cultura¹¹.

Usamos o termo **Vocabulário** dado que se trata de uma subclasse do léxico total da língua portuguesa. A selecção do **corpus** far-se-á dos principais dicionários etimológicos e gerais portugueses, sempre que nestes últimos se informe da origem da palavra e, portanto, registem o *hispanismo*. Em princípio trabalharemos com os seguintes dicionários: *Figueiredo*¹²,

¹⁰ Cf. Gregorio SALVADOR, *op. cit.*, p. 250.

¹¹ Cf. VAZQUEZ CUESTA e Mendes da LUZ, *op. cit.*, pp. 209 e 293.

¹² Cândido de FIGUEIREDO, *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 vols., Livraria Bertrand, Lisboa, 1986 (23ª ed.) [1ª ed. 1899].

Nascentes¹³, Fontinha¹⁴, Machado¹⁵, Costa-Melo¹⁶, Ferreira¹⁷, o *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa*¹⁸.

O léxico seleccionado estará ordenado alfabeticamente e seguiremos, com leves variantes, o critério estabelecido por Gili Gaya no *Tesoro lexicográfico*¹⁹. Cada entrada será composta pelo lema ou palavra-chave (a negro ou negrito), a que seguirá em ordem cronológica, já na micro-estrutura, o nome abreviado do autor do dicionário (em VERSALETES) com o ano do dicionário ou edição de que se toma; a seguir aparecerá a definição tal e como é dada pelo dicionário, de maneira que não haverá alterações na apresentação do material adoptada por cada dicionário; duas barras paralelas // separarão uns autores dos outros. Após os dicionários portugueses aparecerá a definição dada pelo DRAE²⁰ no intuito de que o leitor possa contrastar as acepções que a palavra possui nas duas línguas. Seguir-se-á um exemplo do *hispanismo* entre aspas (« »), sempre que possível. Quando existirem variantes do *hispanismo* irão no fim (a negro ou

¹³ Antenor NASCENTES, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Tomo I, Rio de Janeiro, 1955 (reimpressão da 1ª ed. de 1932).

¹⁴ Rodrigo FONTINHA, *Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Editorial Domingos Barreira, Porto, s. d.

¹⁵ José Pedro MACHADO, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 5 vols. Livros Horizonte, Lisboa, 1987 (4ª ed.) [1ª ed. 1952-1959].

¹⁶ J. Almeida COSTA e A. Sampaio MELO, *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto Editora, Porto, 1987 (6ª ed. corrigida e aumentada) [1ª ed. 1952].

¹⁷ Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986 (2ª ed. revista e aumentada) [1ª ed. 1975].

¹⁸ Academia das Ciências de Lisboa, *Dicionário da Língua Portuguesa*. Vol. I: A-Azuerve. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1976.

¹⁹ Samuel GILI GAYA, *Tesoro lexicográfico (1492-1726)*. Tomo primero (A-E), Madrid, 1960. É um "dicionário de dicionários" que agrupa o léxico contido em 93 dicionários impressos ou inéditos, redigidos entre 1492 (dicionário de Nebrija) e 1726 (dicionário de Autoridades, 1ª ed. do Dicionário da Real Academia Espanhola).

²⁰ *Diccionario de la Real Academia Española*. 2 tomos. Madrid, 1984 (20ª ed.).

negrito) precedidas da abreviatura (v.) e terão a sua própria entrada. Informar-se-á ademais das palavras derivadas do hispanismo com a abreviatura **Der.**, que irão a **negro** e terão também a sua entrada correspondente.

Colocar-se-á no cabeçalho de cada página a primeira e última palavra que figura nela, a fim de facilitar a consulta do vocabulário.

Outros dicionários portugueses, nomeadamente o *Morais* e o *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, e espanhóis, sobretudo o DCECH de Corominas e Pascual, servirão de apoio para aperfeiçoar a configuração de cada definição, quer incluindo novas acepções, quer informando da primeira documentação, sempre que o acharmos oportuno.

EXEMPLO

bandarilha: FIGUEIREDO 1986: *f.* Farpa, enfeitada com bandeiras ou fitas, e destinada a cravar-se no cachaço dos touros, quando se correm. (Por *bandeirilha*, cast. *banderilla*). // NASCENTES 1955: Do esp. *banderilla*, *bandeirinha*, farpa ornada com uma *bandeirinha*. // FONTINHA s.d.: *s. f.* (Cast. *banderilla*) - Pau delgado, com sete ou oito decímetros de largura, enfeitado, por vezes, com pequenas bandeiras de papel ou teia e geralmente revestido de papel recortado, com uma farpa de ferro numa das extremidades, para ser cravada pelos toureiros no cachaço do touro, nas lides tauromáquicas. // MACHADO 1987: *s.* Do cast. *banderilla*. Em 1871, D. V. // COSTA-MELO 1987: *s. f.* farpa ou dardo que se espeta no cachaço dos touros, nas corridas. (Do cast. *banderilla*, «pequena bandeira»). // FERREIRA 1986: [Do esp. *banderilla*.] *S. f.* Farpa enfeitada que se crava no cachaço dos touros por ocasião das touradas. // DRAE 1984: *banderilla. f. d. de bandera.* // 2. Palo delgado de siete a ocho decímetros de largo, armado de una lengüeta de hierro en uno de sus extremos, y que, revestido de papel picado y adornado a veces con una *banderita*, usan los toreros para clavarlo en el cerviguillo de los toros. // 3. fig. y fam. Dicho picante o satírico; pulla. Ú. principalmente con los verbos *clavar*, *plantar* o *poner*. // 4. Impr. Papel que se pega en las pruebas o en el original para añadir o enmendar el texto. // 5. Min. Papel dispuesto en forma de cucurucho que el barrenero coloca junto a la mecha de los barrenos cargados, para que el pegador pueda distinguirlos fácilmente. // **de fuego.** La que está guarnecida de petardos que estallan al clavarla en el toro. // **negra.** La de doble lengüeta más larga y gruesa que la de ordinario y palo así mismo más largo, revestida de negro. Ha substituido a la *banderilla de fuego* y se utiliza como esta en los toros que no toman las varas reglamentarias. //

DCECH 1980: chamada así porque la adornan por la empuñadura con cintas o papeles cortados (Aut.). // TORRES 1989: «La banderilla es un palo de dos cuartas y media de largo con un hierro de a la punta a manera de arpón, adornado de papel de varios colores» (P.H., p. 92, 2ª ed.). Der. bandarilhar, bandarilheiro.

bandarilhar: FIGUEIREDO 1986: v. i. Pôr bandarilhas em; farpear. // FONTINHA s.d.: v. tr. - Meter farpas (no pescoço dos touros); cravar bandarilhas em; i. - manejar as bandarilhas (bem ou mal); (fig. - espicaçar alguém com ataques vivos, por palavras oraís ou escritas). // COSTA-MELO 1987: v. tr. espetar bandarilhas em; farpear; correr (touros). (Do cast. *banderillar*, «id.»). // FERREIRA 1986: V. t. d. i. Fincar bandarilhas em; *bandarilhar um touro*. 2. Fig. Criticar, satirizar: "Uma alusão ericada... de pontas ambíguas vale, não raro, muito e muito, para farpear ou b a n d a r i l h a r os cornacas da fama, os directores espirituais da burguesia letrada." (Agridino Grieco, *Caçadores de Símbolos*, p. 276.) [Cf. farpear.]. // DRAE 1984: *banderillar*. tr. Poner banderillas a los toros.

bandarilheiro: FIGUEIREDO 1986: m. Aquele que bandarilha touros; toureiro, capinha. // FONTINHA s.d.: s. m. - O toureiro que bandarilha; capinha. // COSTA-MELO 1987: s. m. aquele que bandarilha touros; toureiro; capinha. (Do cast. *banderillero*, «id.»). // FERREIRA 1986: (Do esp. *banderillero*.) S. m. Toureiro que bandarilha touros. // DRAE 1984: *banderillero*. m. Torero que pone banderillas.

Este exemplo é significativo porque pertence ao domínio taurino, um dos que maior número de empréstimos tem dado ao português²¹; além disso, serve para chamar a atenção a propósito do sufixo *-ilho-a*, que orienta sobre a procedência espanhola de muitos vocábulos, ainda que seja preciso apontar que nem todas as palavras portuguesas com este sufixo são necessariamente empréstimos do espanhol. No caso do exemplo *bandarilha* incluímos a primeira documentação dada pelo DCECH na acepção de «pequena bandeira» (Aut., 1726) e a acepção taurina (1827) dada por Torres no seu *Léxico español de los toros* (CSIC, Instituto de Filología, Madrid, 1989, p. 214) para ser confrontada com a indicada por Machado²².

²¹ Assim Rodrigo de Sá NOGUEIRA, no seu *Dicionário de erros...*, ed. cit., p. 115, comenta a propósito de Corno. Cornada: «É verdadeiramente lamentável este nosso servilismo perante a Espanha em tudo quanto se relaciona com a linguagem tauromáquica!».

²² Machado aponta a data de 1871 para o português: *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, pelo Dr. Frei Domingos Vieira. Porto, 1871-1874. O DCECH informa da primeira acepção «bandeirinha». No entanto, a acepção taurina aparece em 1827 documentada na obra *La tauromaquia o arte de torear* de José Delgado, alias ILLO, Madrid, 1827 (2ª ed.), recolhida pelo léxico de Torres.

Como é normal neste tipo de trabalhos encontraremos, precedendo o **corpus** do **Vocabulário**, um **Prólogo** ou **Prefácio**, uma **Introdução**, uma **Bibliografia** com as abreviaturas dos dicionários usados em ordem cronológica e um **Sistema de siglas** que expliquem as abreviaturas empregadas em cada definição.

Depois do **corpus** incluiremos um **Apêndice** em que aparecerá o seguinte:

a) *Hispanismos* que os dicionários seleccionados classificam como duvidosos ou aqueles *hispanismos* susceptíveis de serem considerados empréstimos semânticos;

b) *Hispanismos* não incluídos nos dicionários seleccionados, mas que aparecem em gramáticas, histórias da língua, estudos lexicográficos ou outros repertórios;

c) *Hispanismos* considerados *estrangeirismos*, ou melhor *barbarismos*, recolhidos em dicionários específicos e de carácter normativo e purista;

d) Outros *hispanismos* que aparecem na imprensa escrita e que não são registados nos dicionários, já que fazem parte de uma iniciativa individual ainda não sancionada pela colectividade.

O conjunto total recolhido no **corpus** informar-nos-á da influência exercida pelo léxico espanhol nos mais diversos campos semânticos: desde os *hispanismos* obrigatórios e caracterizadores até aos que pertencem ao domínio do mar ou os relacionados com a literatura, música e costumes passando pelos pertencentes à flora e fauna ou à actividade comercial. Este trabalho será posterior à elaboração do **Vocabulário**. Em conclusão, este vocabulário que aqui se apresenta em projecto pretende dar conta

de forma descritiva dos empréstimos lexicais do espanhol que vivem na língua portuguesa possibilitando ao leitor dispor de um conjunto sistematizado e independente de maneira que possa ter uma ideia o mais exacta possível da sua quantidade, qualidade e variedade.